



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul  
Campus Bento Gonçalves

---

## A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA EM BERÇÁRIO II

Camila Haupt<sup>1</sup>

Henri Luiz Fuchs<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso possui como tema as relações de afetividade no Berçário II e tem como objetivo principal refletir sobre a afetividade no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, com base na metodologia da pesquisa narrativa, articulando vivências práticas na escola com aportes teóricos de autores como Freire (1996), Leite (2012), Oliveira (1992), Maturana (2002), Albuquerque; Felipe; Corso (2019), Papalia; Feldman (2013). A análise dos dados foi realizada a partir de registros de observações, reflexões em diário de campo e relatos de experiências vividas no cotidiano escolar, com destaque para momentos de acolhimento, manifestações de insegurança, agressividade para com os colegas, adaptação a rotina da escola e dificuldades de exercitar o vínculo afetivo. Comportamentos esses, que com a afetividade, escuta ativa e diálogo, favorecem a minimização. Os resultados evidenciam que a afetividade é um elemento central no processo educativo da Educação Infantil, influenciando diretamente a construção da autonomia, da segurança emocional e das relações sociais entre as crianças. Também foi possível observar que o papel do educador vai além do cuidado físico, exigindo disponibilidade afetiva, escuta atenta e mediação sensível dos conflitos. Conclui-se que práticas pedagógicas baseadas na afetividade favorecem um ambiente seguro, acolhedor e estimulante, fundamental para o desenvolvimento das crianças pequenas.

**Palavras-chaves:** afetividade; Educação Infantil; aprendizagem; desenvolvimento infantil; relato de experiência.

### 1 INTRODUÇÃO

Vemos cada vez mais nas Instituições de Educação Infantil como a afetividade tem influenciado em um bom relacionamento entre professores e alunos, intensificando o ensino aprendizagem das crianças, tendo uma significativa contribuição no desenvolvimento da criança.

---

<sup>1</sup> Discente no Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: [camilahaupt@gmail.com](mailto:camilahaupt@gmail.com)

<sup>2</sup> Dr. em Educação. Professor orientador e docente no curso de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: [henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br](mailto:henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br)

Tendo esse foco e trazendo a minha experiência dentro da sala de um Berçário II no ano de 2024, com crianças de 1 ano a 2 anos, como Assistente Educacional, em escola pública municipal, situada no município de Salvador do Sul, Rio Grande do Sul (RS), compartilho reflexões sobre as observações feitas durante esse período. Ao acompanhar as crianças dessa faixa etária, pude vivenciar a importância do afeto como elemento fundamental na construção das relações interpessoais, contribuindo significativamente para o desenvolvimento infantil.

No Berçário II, com a faixa etária de crianças entre 1 a 2 anos, as relações afetivas entre educadores e crianças assumem uma relevância ainda maior. É nesse período que eles intensificam suas interações com o mundo ao seu redor, Maturana (2002) reforça a ideia de que o respeito e a confiança são o alicerce para o desenvolvimento integral e interação social da criança.

Diante do exposto surge a seguinte pergunta norteadora do trabalho: Qual a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil?

Conforme a criança vai se desenvolvendo, ela vai se constituindo de relações com outras pessoas, sejam bebês, crianças, jovens, adultos e idosos. Habitualmente as crianças conseguem se expressar melhor na escola, local em que elas têm o suporte para a construção de saberes, a qual devem ser ensinados com afeto pelas professoras e/ou assistentes educacionais.

O desenvolvimento integral da criança na primeira infância é influenciado pelas interações afetivas estabelecidas no ambiente escolar. Nesse contexto, a afetividade desempenha um papel essencial, pois influencia diretamente nos processos de socialização, aprendizagem e formação das bases emocionais do indivíduo.

O presente trabalho se caracteriza como um relato de experiência fundamentado em pesquisa narrativa e no contexto da abordagem qualitativa, que conforme Creswell (2007), “a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados”, utilizando como metodologia a pesquisa narrativa, que

[...] pode ser definida como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre um determinado assunto em busca de informações para entender um fenômeno específico. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas e notas de campo. (Paiva, 2008 apud Silva e Barros, 2023, p. 5)

A abordagem adotada se baseia em duas perspectivas principais: descrição e análise de vivências práticas observadas e realizadas na Educação Infantil, no contexto de um Berçário II, em que a partir de experiências da autora durante o ano de 2024 e por meio de suas anotações em diário de campo, possibilitou o início do presente trabalho.

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre a afetividade no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, com foco em Berçário II, buscando compreender qual a relação da afetividade com o desenvolvimento integral delas, analisando e investigando as práticas educativas que auxiliam na construção do eu da criança, sendo assim pretende-se: a) discutir os fundamentos e conceitos teóricos da afetividade embasada em autores como Freire (1996), Leite (2012), Freire; Guimarães (2014), Oliveira (1992), Humberto Maturana (2002), Albuquerque; Felipe; Corso (2019), Papalia; Feldman (2013); b) refletir sobre as contribuições da afetividade na Educação Infantil; c) analisar a experiência enquanto assistente educacional.

## **2 A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO**

No dicionário Michaelis on-line, entre os significados da palavra afetividade, encontramos: “2) Capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos”. A afetividade é aliada das emoções, a partir do afeto que damos suporte para a criança desenvolver sentimentos, como alegria (por ter seu pedido atendido), chateado (pois emprestou seu brinquedo para o colega e ele quebrou), aborrecido (porque era hora de dormir e não gostaria). Sentimentos esses, que são necessários para a construção de suas percepções e perspectivas da vida. Um exemplo claro disso no cotidiano da criança seria ao brincar, que é quando ela expressa suas emoções de forma espontânea, ela está brincando com seu brinquedo favorito, conseqüentemente, estará se alinhando a um ambiente afetivo para ela, na qual irá expressar suas emoções, nesse caso de felicidade por estar com seu brinquedo favorito. No momento que esse brinquedo for recolhido para iniciar outra atividade, a criança poderá ficar triste. Porém, cabe ao adulto explicar de forma delicada e assertiva a nova tarefa. São essas emoções que as crianças

realçam durante o dia e que precisam ser exploradas, a partir delas que podemos alcançar o melhor e maior desenvolvimento dela.

A afetividade, segundo Freire (1996), é uma prática educativa que deve estar inserida dentro das escolas construindo um ambiente afetivo e acolhedor, contribuindo para o bem-querer e bem-estar da criança, assim como para a ampliação de sua capacidade de explorar e aprender.

De acordo com Ferreira e Acioly-Régner (2010, p. 27), “podemos compreender a afetividade, de forma abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire um status social na relação com o outro, sendo uma dimensão fundante na formação da pessoa completa.” Nesse sentido, o afeto pode ser compreendido como uma das bases fundamentais das relações humanas, envolvendo sentimentos, emoções e vínculos que são importantes para desenvolver conexões significativas. Favorecendo a construção de valores e princípios, já que todas as atitudes humanas são permeadas pelo afeto e entre si influenciam na tomada de decisões, acreditando que a criança é capaz de resolver problemas do seu cotidiano, tornando-se assim, uma pessoa autônoma.

Segundo Tonucci (apud Albuquerque; Felipe; Corso, 2019), “as pequenas atividades quotidianas tornam-se hábitos sobre os quais a criança fundamenta a sua autonomia”. Diante disso, a importância de pedir pequenos “favores” às crianças, como por exemplo, pedir para levar um objeto em cima da mesa da professora, ou guardar o seu bico dentro da mochila. Atos pequenos, que para nós podem passar despercebidos, mas para elas é significativo, faz com que se sintam autônomas e as incentivam a repetir o comportamento, “no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.” (Freire, 2022, p.92)

O conceito da palavra afetividade pode ser entendida em vários sentidos e a partir disso podemos embarcar no diálogo de Freire e Guimarães (2014), que relatam como a afetividade deve ser conduzida dentro da escola:

[...] o problema da relação afetiva entre o educador ou a educadora e os educandos está exatamente em que não se faça a falsificação do afetivo. É não cair na chantagem sentimental. É não fazer a exploração do afetivo, mas viver afetivamente. Acho que essa capacidade de compreender, entender e amar as crianças é absolutamente indispensável à prática pedagógica. É claro, não vamos cair na cavilação de dizer que basta querer bem à criança, não, porque há necessidade também da competência

científica da parte do educador. Mas essa competência sozinha também não dá, não funciona; a competência científica tem que estar associada à capacidade de querer bem do educador. (Freire; Guimarães, 2014, p. 72)

Segundo os autores, podemos ver quão importante é a relação afetiva entre professor e aluno, valorizando sempre o educador como um profissional, mas que necessita ter um olhar cuidadoso para com seus educandos. É a partir da mediação do professor, entre afeto e aprendizagem, que auxilia na construção do eu da criança, promovendo o desenvolvimento de habilidades e favorecendo a conquista da autonomia. Freire e Guimarães (2014) evidenciam o cuidado que deve-se ter ao falarmos da afetividade na educação, iniciando pelo risco de simular a afetividade, ou seja, simular cuidado e afeto para com as crianças como estratégia de controle e/ou obtenção de respeito. Outro problema que os autores mencionam, é a chantagem sentimental, na qual o adulto a utiliza para dominar as crianças a partir do vínculo afetivo que possuem entre si. Um exemplo claro disso, é quando o adulto manipula emocionalmente a criança com frases como: *“Se você não fizer isso, a professora vai ficar triste com você”*. Uma postura inadequada que utiliza o emocional da criança para controlá-la, ferindo o direito da criança de escutar, pensar e possuir a liberdade de escolha.

Freire e Guimarães (2014) afirmam que o querer bem, por si só, não basta: é preciso também a competência científica. Esses dois elementos devem se entrelaçar e caminhar juntos. É preciso estudo contínuo e formação teórica com intencionalidade pedagógica juntamente com o querer bem do educando. Um educador experiente, mas sem afetividade, pode falhar na construção de vínculos com as crianças e, portanto, no processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma, um educador afetuoso, mas sem preparo teórico-metodológico, também pode comprometer o desenvolvimento das crianças. A prática educativa precisa conseguir unir o querer bem e a competência científica .

É a partir da mediação do professor que se conecta o afeto com a aprendizagem, contribuindo para a construção do “eu” da criança. Desse modo, favorece o desenvolvimento de habilidades, promove a autonomia e preparando-a para o mundo, para as relações com os outros na sociedade. Tendo em vista que Vygotsky, segundo Marta K. Oliveira, “tem como um de seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social” (1992, p. 24). Portanto, é a partir das interações sociais que a criança inicia

seu processo de expressão e de desenvolvimento. No convívio, especialmente com outras crianças, elas se comunicam de diferentes formas, exploram o ambiente na qual estão inseridos, em busca do novo e assim, descobrem movimentos e expressões diferentes a qual não estão habituados. Essas relações são fundamentais para o desenvolvimento da criança, construindo sua identidade e reconhecendo seu lugar no ambiente.

Conforme Oliveira (1992), essa é uma hipótese básica de Vygotsky, de que o ser humano precisa desde sempre ter contato com outras pessoas, se relacionando e se desenvolvendo ao longo da vida. É com os adultos que as crianças aprendem a se expressar através de gestos e expressões quando querem ou não algo, quando gostam ou não, aprendem a falar, aprendem hábitos, tradições de culturas a que estão inseridas, e é a partir dessa relação contínua de interação de uma pessoa com a outra que possibilita o desenvolvimento permanente. Oliveira (1992) complementa que “a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas” (1992, p.33). A partir dessas relações com o outro que o professor entra novamente como mediador, trazendo a afetividade para o convívio dos educandos.

A afetividade deve estar entrelaçada ao cotidiano escolar do educando, dando início a expressões e manifestações carinhosas desde que ele chega à escola, mostrando a importância e o bem querer que o professor o quer, contribuindo para o bem estar da criança e o seu desenvolvimento. Leite (2012) afirma que,

[...] a afetividade é um conceito mais amplo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressão mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação. (Leite, 2012, p. 360).

Conforme Paulo Freire (1996), a afetividade é uma prática educativa da qual os professores devem seguir e se ajustar. Ao ensinar as crianças dentro da escola, se torna imprescindível o querer bem dos educandos, no momento que o professor expressa afeto, ele concede abertura para as crianças poderem retribuir, dando início a um ensinar com afetividade.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao

gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (Freire, 1996, p. 52).

Seguindo o raciocínio de Freire (1996), a afetividade não pode estar associada a ausência de regras por parte do professor, tampouco a ideia de que a rigidez o torna um educador mais eficaz. No entanto, a autoridade é fruto da relação afetiva. Ela se constrói por meio do vínculo, do diálogo e da escuta sensível entre educador e educando.

No compreender do neurobiólogo Humberto Maturana (2002), as emoções não são o que normalmente chamamos de sentimento. Partindo do pressuposto biológico, quando falamos da palavra "emoção", queremos evidenciar que ela se manifesta por meio de gestos e disposições corporais, que influenciam diretamente as ações do sujeito. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Há momentos nos quais nos deparamos com maior irritabilidade por algum acontecimento do dia, conseqüentemente mudamos a nossa ação diante de alguma pergunta e/ou discussão a partir da emoção. Maturana (2002, p. 15) enfatiza que “na verdade, todos sabemos isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanas é elas serem racionais”. No entanto, a afetividade não se relaciona diretamente com a razão, mas sim com os sentimentos e as emoções que permeiam o ser humano. Enquanto a razão busca a lógica, a reflexão objetiva e crítica; a afetividade envolve aspectos como o acolhimento, a empatia e a conexão entre as pessoas. Esses aspectos não se fundam na racionalidade, ou seja, não são possíveis de quantificar. Logo, esse tema torna-se complicado de ser dialogado na sociedade moderna, que valoriza extremamente o pensar racional, a lógica e resultados práticos mensuráveis. Portanto, é de extrema importância compreender a afetividade e reconhecer o quão fundamental é para a construção das relações e do desenvolvimento da criança.

A afetividade é responsável não só por gestos de carinhos físicos, como também, por preparar para o desenvolvimento cognitivo tornando o indivíduo um sujeito crítico, autônomo e responsável. O professor deve percorrer junto com a criança todos os momentos do seu desenvolvimento. A afetividade na relação

professor e aluno não se remete apenas ao toque e ao abraço, como muitas pessoas pensam, mas também em um respeito mútuo e confiança em que o professor é o mediador de todo esse processo. A partir dessas ações, podemos pensar na emoção em conjunto com a razão, pois o ser humano se constitui nesse entrelaçamento da emoção com o racional. O racional é baseado nos argumentos lógicos que construímos a partir da linguagem para defender e/ou justificar ações.

Deste modo, quando a criança percebe que é acolhida com afeto pela professora, o processo de aprendizagem se torna mais fácil e acessível. Ademais, a relação não deve ser pautada pelo autoritarismo, pois pode gerar desinteresse e comprometer a motivação da criança em permanecer na escola e aprender junto aos colegas.

É necessário também que o professor traga o aluno para o ambiente da sala de aula, percebendo aos poucos os gostos e as aptidões da criança, aproveitando ao máximo para estimulá-la para o ensino e aprendizagem, tendo como aliado brinquedos e brincadeiras lúdicas que envolvam a criança.

O educador deve acolher, aceitar e ouvir o aluno dando o suporte necessário para que a criança possa despertar para a vida da curiosidade, do interesse e do aprendizado, tendo em vista um desenvolvimento saudável. Por isso, é de extrema importância a criança estar em um ambiente que lhe proporcione relações interpessoais positivas e abordagens integradas da mente. Maturana (2002), fala da Biologia do Amor, que o amor é a emoção que compõe as ações que temos juntamente com as interações com o outro, reconhecendo e respeitando o outro como um legítimo outro na convivência. A partir desse reconhecimento, podemos nos aceitar como EU e respeitar o outro, constituindo uma conduta de respeito perante o outro na sociedade. Conforme Maturana,

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela. (Maturana, 2002, p. 32).

No momento em que ensinamos as crianças, no espaço escolar, a olhar para si e se respeitar, evidenciando o quanto cada criança é importante naquele espaço. E é nesse momento que ela passa a respeitar as opiniões das outras pessoas que convive.

Um exemplo prático pode ser observado quando as crianças são organizadas em roda no tapete da sala para a contação de uma história. Ao final dela, o educador conduz uma roda de conversa, incentivando as crianças a expressarem suas impressões sobre a história, um momento real de partilha entre educador e educandos. Nesse momento, o educador ouve as crianças, valoriza seu espaço de fala e estimula-as a expressar e refletir sobre suas opiniões, evidenciando a importância de cada uma nesse momento de compartilhamento dos saberes. Além disso, orienta para que respeitem a vez de falar do outro e escutem atentamente, reconhecendo que cada colega possui um ponto de vista diferente, promovendo assim o respeito mútuo.

Atitudes como essa demonstram como a afetividade e o respeito são construídos desde os primeiros anos de vida, através de práticas pedagógicas intencionais.

### **3 A EXPERIÊNCIA NO BERÇÁRIO: a afetividade no cotidiano com crianças bem pequenas**

A experiência ocorreu em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Salvador do Sul - RS, onde atuei como Assistente Educacional no Berçário II de janeiro à dezembro de 2024. Conforme as atribuições do cargo, o Assistente Educacional atua no atendimento das crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Entre suas principais atribuições, está o auxílio às necessidades cotidianas dos professores e alunos, planejando e executando atividades pedagógicas, recreativas e lúdicas, atuando no desenvolvimento das habilidades motoras, expressão corporal e oral. Auxilia no processo de formação dos hábitos de higiene, na organização dos espaços e nos momentos de interação.

Na turma havia uma professora itinerante que atuava no turno da tarde, por uma hora diária, de segunda a sexta-feira, atendendo simultaneamente às três turmas de Berçário II. No turno da manhã, período em que estive inserida, compartilhei a turma com uma colega nomeada como monitora escolar em caráter efetivo, que, apesar da função exercida, possuía formação em nível superior, com graduação em Licenciatura em Pedagogia. Sua formação e experiência contribuíram significativamente para minha vivência profissional, uma vez que me oferecia apoio

constante e trocas enriquecedoras no cotidiano pedagógico. Acompanhamos um grupo de 15 crianças com idade entre 1 e 2 anos, com uma rotina que envolvia cuidados básicos, brincadeiras e atividades pedagógicas, momentos de alimentação e descanso.

Durante todos esses momentos havia interações afetivas, principalmente nas trocas de fralda, que era vivido somente por mim e a criança, refletindo em um contexto nem sempre agradável para ela, exigindo, portanto, que fosse conduzida com muito afeto e sensibilidade, estabelecendo vínculos de confiança, garantindo “que cuidado e afeto permeiem todas as situações diárias” (Albuquerque; Felipe; Corso, 2019, p. 56).

Esse contato direto e constante com as crianças da Educação Infantil me permitiu observar de perto como o vínculo afetivo entre educador e criança influencia de forma significativa no processo de adaptação, socialização e desenvolvimento emocional, tendo em vista que é nessa etapa “que ocorrem as primeiras aprendizagens que são estruturantes e servem de base afetiva, cognitiva e social, funcionando como um alicerce para todas as novas aprendizagens que a criança realizará ao longo de sua vida.” (Albuquerque; Felipe; Corso, 2019, p. 100)

Embarcando na minha vivência, começo a relatar sobre o ambiente na qual estará sendo citado no presente artigo. A escola é ampla e bem estruturada. Possui um pátio frontal com parque de brinquedos de madeira e outros de plástico, com grama, algumas árvores e um parque nos fundos da escola com as mesmas características.

A escola possui três turmas de Berçário II com vagas para até 15 alunos. As salas possuem um amplo espaço para atividades, que conforme Albuquerque, Felipe e Corso (2019) está adequado, pois o ambiente da sala precisa estar organizado de forma a considerar aspectos como: mobiliário ao alcance da criança, utilização das paredes para espaço de informação, como o espelho pendurado na parede oportunizando a exploração do eu e os tatames colocados no chão oferecendo um campo de bem-estar as crianças enquanto brincam e exploram o ambiente. Há o banheiro completo, com chuveiro se necessário, três cubas de pias para a higienização e três vasos sanitários.

O ambiente da sala conta também com um solário, importante para exploração ao ar livre com atividades orientadas. Usávamos o solário sempre que

possível, usando o ambiente de várias maneiras, para cantar e dançar músicas infantis, tomar um sol e brincar, instigando a criatividade a partir de atividade, como a manipulação de objetos e aprimorando a coordenação motora fina e ampla.

Juntamente com minha colega de turma, realizávamos o planejamento semanal contemplando diversas atividades lúdicas, tanto em sala quanto ao ar livre. Entre elas, brincadeiras com instruções, caminhadas pelo parque da cidade, circuitos motores dentro e fora da sala, elaboração de coreografias de músicas infantis, atividades de manipulação de “brinquedos não brinquedos”, objetos e elementos não pensados para serem brinquedos, que segundo Ferreira, Daniel, Malavolta e Silva (2022, p. 22) “são objetos cotidianos que colocamos à disposição da criança para que ela invente a própria brincadeira: palitos, botões, rolos de papel higiênico, rolhas, barbante, caixas, embalagens, dentre muitos outros”. Buscamos sempre elencar no planejamento materiais potentes que as crianças pudessem experimentar e criar novas possibilidades, aperfeiçoando o desenvolvimento, de modo que a própria criança possa explorar e aprender. Tendo em vista que, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), é necessário:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BNCC, 2017).

Dessa forma, a convivência e participação ativa da criança nas atividades e pesquisas propostas pelo educador é instigada, pois é através dos elementos/objetos que eles não estão acostumados a utilizar como brinquedos, que a criança brinca e aprende.

No decorrer do ano, pude observar como a afetividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, influenciando sua adaptação ao ambiente escolar, sua interação com colegas e educadores. Durante as observações, procurei analisar o comportamento das crianças, a interação entre educador e criança, a rotina diária e a relação da criança com os outros. Aspectos esses que se mostram importantes para entender como as crianças se relacionam e aprendem, tanto com outras crianças quanto com os adultos. Buscando conclusões para a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Essa vivência despertou em mim a reflexão sobre práticas que fortalecem esse vínculo, especialmente ao lidar com desafios comportamentais. Durante minha experiência no Berçário II, convivi com o Henrique<sup>3</sup>, uma criança que apresentava um temperamento forte e comportamentos desafiadores, o que exigia uma abordagem cuidadosa e de muita conversa.

Essa criança, frequentemente, se envolvia em situações de agressividade. Em vários momentos, ao desejar um brinquedo que estava com um colega, tomou o brinquedo à força e agrediu o colega no rosto. Esse tipo de comportamento revelou a dificuldade de lidar com as adversidades e em mediar os conflitos de maneira não violenta, tendo em vista que a maior parte das crianças, ao desejar um brinquedo que está com o colega, vem até a professora para dialogar sobre o ocorrido, fazendo com que o professor medie o conflito. Posto isso, para lidar com essas situações, foi fundamental adotar uma postura de firmeza, mas sempre com acolhimento e afeto, buscando estabelecer limites claros de maneira respeitosa e afetuosa. Essa criança, diariamente, demonstrava insegurança e chorava intensamente no momento da chegada na escola, quando chegava o momento de se separar da mãe. Com frequência, ela se agarrava à mãe e apresentava dificuldades para se soltar de forma tranquila, indicando uma insegurança emocional significativa.

As crianças necessitam ter um vínculo afetivo e emocional com seus familiares, normalmente predisposto a ter um vínculo maior com a mãe, tendo em vista que “o apego é um vínculo recíproco e duradouro entre o bebê e o cuidador, cada um contribuindo para a qualidade do relacionamento” (Papalia; Feldman, 2013, p. 220), sendo assim ele deve ser saudável, não afetando o desenvolvimento social da criança.

Essa insegurança emocional e a forte dependência materna podem estar relacionadas a diversos fatores desconhecidos no histórico de vida da criança. No entanto, recorro à teoria do apego como base teórica para compreender e analisar os comportamentos por ela apresentados. Papalia e Feldman (2013) afirmam que:

Conforme propõe a teoria do apego, a segurança do apego parece afetar a competência emocional, social e cognitiva. Quanto mais seguro o apego com um adulto atencioso, maior a probabilidade de a criança desenvolver um bom relacionamento com os outros. (Papalia; Feldman, 2013, p. 223).

---

<sup>3</sup> Nome fictício utilizado para preservar a identidade da criança.

Em outras palavras, o apego inseguro que a criança estabelece com sua base afetiva interfere significativamente em seu desenvolvimento social, sua interação com seus colegas e educadoras, sua curiosidade por explorar o novo, pois a criança se mantém vinculada à presença materna, o que limita sua autonomia e a vivência de novas experiências no ambiente educativo.

Segundo Kochanska (2001) (apud Papalia; Feldman, 2013, p. 223) “crianças de apego inseguro tendem a demonstrar emoções mais negativas (medo, aflição e raiva), ao passo que crianças de apego seguro são mais alegres”, o que pode-se relacionar claramente aos comportamentos da criança observada neste artigo.

Nesse momento de chegada e acolhida da criança, eu e minha colega precisávamos atuar com muita paciência, criando uma rotina previsível e acolhedora para ajudar na adaptação, assim como, dialogar com os pais para que, em casa, também conversassem com ele sobre ir à escola, a importância de ir ver os colegas e realizar as atividades que eram proporcionadas a eles. No entanto, nesse momento de conversa com os pais, percebemos que a relação entre a família e a criança não era uma relação confortável e/ou que havia abertura para esse tipo de conversa com a criança, descrevendo então alguns motivos para a criança ter esses comportamentos na escola, e vendo assim que, nós, educadoras, seríamos as responsáveis por querer auxiliar a criança no seu processo de desenvolvimento.

Houve diversos momentos em que seu comportamento não era condizente com a rotina do grupo, e, ao adverti-lo, sua reação era imediata: jogava-se no chão, chorava e gritava. Nessas ocasiões, como educadora, me via diante do desafio de mediar a situação de forma sensível e que surtisse efeito, refletindo: “E agora? Como ajudá-lo de maneira educada e afetiva? Como acolher esse sentimento e, ao mesmo tempo, conduzir a situação com firmeza e afeto?”. Essa experiência me levou a refletir profundamente sobre o papel do adulto e educador na mediação das emoções infantis e na construção de um ambiente seguro e acolhedor. Segundo Albuquerque, Felipe e Corso (2019),

A aprendizagem e o desenvolvimento são processos dinâmicos e interativos que englobam o sujeito na sua totalidade: corpo, cérebro, emoção, razão. A criança, ao nascer, traz consigo condições potenciais (informações biológicas) para seu desenvolvimento, mas é no ambiente que serão buscados os elementos e as condições para que essas informações possam emergir e se concretizar. (Albuquerque; Felipe; Corso, 2019, p.106)

Conforme esses autores, o ambiente que propicie à criança aprendizagens a partir das experiências e convivências com outras crianças, reforça o ato de aprender e se desenvolver. Diante disso, buscamos incentivar essa criança a brincar e realizar atividades em grupo, utilizando diálogos afetuosos para destacar a importância dela estar inserida no coletivo. Mostrar para ela que era valorizada e que tinha a mesma importância que os demais colegas foi fundamental para fortalecer sua autoestima e ajudá-la a se sentir pertencente ao grupo a qual está inserida.

Henrique apresentava comportamentos agressivos ao longo do dia diante de frustrações ou situações em que seus desejos não eram atendidos, reagia de maneira física, principalmente agredindo os colegas. Em diversos momentos, sem motivo aparente, ele empurrava, gritava ou batia nos colegas, mesmo após orientações anteriores de não realizar tais comportamentos. Conforme Papalia e Feldman, crianças de apego inseguro “costumam apresentar inibições e emoções negativas entre o 1º e o 3º ano de vida, hostilidade em relação a outras crianças aos 5 anos e dependência durante a fase escolar” (Papalia; Feldman, 2013, p.224).

Essas atitudes exigiram atenção constante das educadoras, tanto para garantir a segurança das demais crianças quanto para compreender a origem dessas reações e intervir de forma afetiva, educativa e que surtisse efeito. No entanto, percebi que Henrique demonstrava tranquilidade e receptividade quando recebia atenção individualizada, características semelhantes ao condicionamento operante, aprendizagem essa que acontece quando “o indivíduo aprende com as consequências de sua ‘operação’ sobre o ambiente” (Papalia; Feldman, 2013, p. 63). Nesse caso, Henrique adotava comportamentos agressivos como forma de obter a atenção exclusiva das educadoras, o que, para ela, era uma situação desejável. Essa diferença de comportamentos me levou a questionar como poderia auxiliá-la a se expressar de maneira mais adequada e a compreender suas necessidades emocionais.

Outro comportamento recorrente dessa criança foi a resistência em participar de atividades coletivas. Por exemplo, quando era chamada para formar fila para ir ao refeitório ou para outra atividade fora da sala, ela frequentemente se recusava a seguir a orientação, saindo correndo e demonstrando dificuldade em aceitar a organização do grupo. O comportamento de Henrique refletia uma busca pela

autonomia, demonstrando que acreditava não ser necessário seguir as orientações das educandas. No entanto, essa atitude também evidenciava uma necessidade urgente de suporte mais estruturado para compreender as regras e respeitar os limites estabelecidos. Nesses casos, a intervenção foi feita por meio de estratégias de aproximação afetiva, utilizando o diálogo, a escuta e a paciência, a partir de uma intervenção individualizada, mostrando que esse caminho não era o correto. As crianças de 0 a 3 anos formam “vínculos afetivos com os pais e com outras pessoas. A autoconsciência se desenvolve. Ocorre a passagem da dependência para a autonomia” (Papalia, Feldman, 2013, p. 40), por isso a importância do educador de incentivar as crianças a buscarem sua autonomia, através de atividades que possam ser vinculadas com as ações do cotidiano delas.

Complementando o relato, durante o momento de descanso, hora do soninho, realizado após a escovação de dente, entre 11h15min e 14h, a criança também se mostrava muito dependente da presença de um adulto, não conseguindo se acomodar para dormir sem que alguém estivesse ao seu lado, encostando a mão em seu ombro. Comportamento esse que indicava uma forte necessidade de segurança emocional, o que exigia a constante presença de apoio afetivo, que naquele momento dificilmente podia ser dado, considerando que havia mais 14 crianças para serem cuidadas, esperando pela mesma ação.

Diante disso, passei a observar com mais atenção seus padrões de comportamento e a desenvolver diferentes estratégias para estabelecer uma comunicação mais eficaz, tanto comigo quanto com os seus colegas. Considerando que o educador acompanha o desenvolvimento de todas as crianças, é de extrema importância ele dar “continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança” (Albuquerque; Felipe; Corso, 2019, p. 52).

Para ajudar e favorecer a melhoria do seu comportamento, fui praticando algumas estratégias no dia a dia da sala. Quando possível, oferecia momentos de atenção individualizada, pois percebia que ele se sentia mais tranquilo e acolhido quando tinha alguém mais próximo dele. Conversava com carinho, tentando ajudá-lo a entender e expressar o que estava sentindo, com palavras simples e muito afeto.

Aos poucos, fui incentivando sua participação nas atividades com os colegas, respeitando seu tempo e comemorando cada pequena conquista. Segundo

Albuquerque, Felipe e Corso (2019), é a partir da interação social com os outros que as crianças “poderão se conscientizar do seu imenso poder de comunicação corporal e a possibilidade de vivência prazerosa dos sentidos, vivendo no coletivo a aventura de descobrir novas sensações e novas possibilidades de relacionamento e de narrativas” (Albuquerque; Felipe; Corso, 2019, p. 63).

Procuramos assim, mostrar a partir de conversas o quanto ela era importante para o grupo, valorizando sua presença e que suas atitudes positivas faziam bem tanto à ela quanto aos seus colegas. Maturana (2002) enfatiza que “o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções. Eu chamo este entrelaçamento de emoção e linguagem de conversar” (Maturana, 2002, p. 92). A estratégia de manter uma rotina previsível e de usar combinados com linguagem acessível ajudava a dar segurança e maior facilidade da criança se expor de forma saudável. Sempre que ela demonstrava avanços, reforçava com elogios e gestos de carinho, como abraços, beijos, palmas e o tradicional “bate aqui” com as mãos, o que foi fundamental para que ela começasse a se sentir parte do grupo e entender melhor os limites e as relações afetivas.

Ao longo desse processo, compreendi que ele necessitava de uma abordagem pautada no afeto, que validasse suas emoções e o ajudasse a desenvolver habilidades socioemocionais. Com o tempo, percebi mudanças significativas: a criança passou a se expressar de forma mais tranquila, compreendendo que as atitudes agressivas não eram necessárias para obter atenção e acolhimento.

Essa experiência reforçou a importância da afetividade como mediadora das interações na Educação Infantil, evidenciando que uma boa comunicação, a paciência e o vínculo emocional são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças nessa fase.

Essas situações demonstraram, de maneira prática, como a afetividade é central para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo na Educação Infantil. Através dessas vivências, pude perceber que a atuação pedagógica precisa, acima de tudo, ser pautada na escuta, no acolhimento e na construção de uma relação de confiança, elementos essenciais para a criação de um ambiente seguro e propício ao aprendizado.

Com o tempo e por meio de intervenções consistentes, acolhedoras e firmes, foi possível perceber pequenas mudanças durante o ano em sua forma de se relacionar com os colegas e com o ambiente. As agressões diminuíram em frequência e intensidade, e os momentos de frustração passaram a ser mediadas com maior abertura à escuta e a conversa com o educador. Essas vivências reforçaram em mim a certeza de que a afetividade não é somente um suporte para as professoras no trabalho educativo com crianças pequenas: ela é o alicerce sobre o qual se constroem o vínculo, a confiança, o respeito mútuo e o aprendizado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, o presente trabalho buscou compreender a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil a partir da metodologia qualitativa com ênfase na pesquisa narrativa. No contexto educacional, a afetividade pode ser compreendida como a capacidade da criança de sentir, expressar e vivenciar emoções, estabelecer vínculos e construir relações com as pessoas ao seu redor, aspecto fundamental para o seu desenvolvimento integral, pois contribui para a formação de indivíduos críticos, autônomos e responsáveis. A partir da minha experiência em uma turma de Berçário II, com crianças de 1 a 2 anos, em uma escola pública municipal, foi possível observar na prática, o quanto o afeto é um pilar crucial para a criança se desenvolver integralmente, de forma saudável. Ao acompanhar a rotina das crianças, suas interações sociais, compreendi a importância do afeto na construção das relações interpessoais. Percebi como a presença do educador, o cuidado e a escuta ativa nas situações de acolhimento, na mediação de conflitos, na resistência à rotina ou dificuldade de socialização, influenciam diretamente no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

As minhas reflexões foram confirmadas e aprofundadas com as teorias de Vygotsky, Freire e Maturana. Vygotsky, ao destacar a importância das interações sociais no desenvolvimento humano, reforçando a relevância do vínculo afetivo no processo de aprendizagem. Freire enfatiza uma prática pedagógica ética, amorosa e comprometida com o desenvolvimento das crianças, enquanto Maturana aponta a afetividade como condição essencial para o ato de educar e conviver com outro na

sociedade. Desse modo, as teorias corroboraram o que já vinha sendo vivenciado no cotidiano do berçário, oferecendo embasamento teórico às experiências práticas observadas e refletidas.

As mudanças observadas ao longo do ano nas crianças, e principalmente no Henrique - como a diminuição de comportamentos agressivos, a maior abertura ao diálogo e melhora na convivência com os outros - reforçam a ideia de que a afetividade é um elemento que sustenta as práticas pedagógicas e indispensável para o convívio entre educadores e educandos.

Como possibilidades de trabalho no berçário a partir da afetividade, ressalto a importância de se priorizar, de forma intencional e constante, a escuta ativa das crianças, promovendo um ambiente em que suas emoções, expressões e necessidades sejam verdadeiramente compreendidos. O diálogo deve ser valorizado como ferramenta central na mediação de conflitos e na construção de vínculos afetivos, substituindo práticas tradicionais por atitudes que respeitem o tempo e o processo de cada criança. A utilização de práticas autoritárias, como o uso de brados, deve ser rejeitada no âmbito da educação, pois o tom de voz, o olhar e a forma como o educador se comunica impactam diretamente na relação afetiva estabelecida em sala.

Quando a escuta é cultivada com paciência, empatia e presença, o grupo evolui coletivamente, e o ambiente se torna mais propício ao desenvolvimento integral. Assim, defendo que a mediação feita com afeto, respeito e coerência é o verdadeiro alicerce para uma prática pedagógica potente e transformadora. Portanto, afirmo meu compromisso com uma prática docente que respeite as infâncias, que valorize o saber e a escuta ativa das crianças, que nunca deixe de buscar, de aprender e de escutar. Porque, como nos ensina Paulo Freire, ensinar é, acima de tudo, um ato humano.

A convivência diária com minha colega de turma, monitora do Berçário II, as trocas de saberes e a colaboração contribuíram significativamente para meu crescimento pessoal e profissional. As experiências compartilhadas nesse período fortaleceram em mim a certeza de que a prática pedagógica se constrói também nas relações que cultivamos com os que caminham ao nosso lado.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellino. **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019. 304 p. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2021/10/para-pensar-a-docencia-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- CARVALHO, Wandercy de. A construção do eu na educação infantil: despertando a criatividade e o interesse para ler e escrever – a entrevista com o escritor. In: **Delos: Desarrollo Local Sostenible**, [S.l.], v. 17, n. 51, p. 229-244, 16 jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/rdelosv17.n51-013>.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERREIRA, Anna Carolina; DANIEL, Camila; MALAVOLTA, Georgia de Almeida; SILVA, Marcelo Oliveira da. **Brincando com brinquedos não brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022. 180 p.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. In: **Educar em Revista**, [S.l.], n. 36, p. 21-38, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-40602010000100003>.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 144 p.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância: diálogos sobre educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. In: **Temas em Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 355-368, 31 dez. 2012. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Revista Katálysis**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 37-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1414-49802007000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR>. Acesso em: 23 mai. 2025.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. reimp. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=afetividade>. Acesso em: 18 nov. 2024.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vigotski e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 18. ed. São Paulo: Summus, 1992, p. 24 - 28.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1984-63982008000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013. 793 p.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da; BARROS, Alessandra Santana Soares. Pesquisa narrativa e audiodescrição: outra opção metodológica. In: **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 1-24, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202339349378>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/DFvdrW4sSrvbCnr5fMY9KVp/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2025.